

Apresentação

Quando Celso Furtado chegou ao Recife em 1959 para deslanchar, no governo de Juscelino Kubitschek, a Operação Nordeste, que se desdobrou na criação do Codeno e, em seguida, da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), a região era, em suas palavras, a maior mancha de miséria do hemisfério ocidental. A estrutura agrária obsoleta, as secas periódicas, como a do ano anterior, que deixara meio milhão de flagelados, o imobilismo de uma população, em especial nas zonas mais áridas, incapaz de se organizar em face dos mandantes locais eram males que alargavam o fosso entre a região e o sul do país. O desenvolvimento do Nordeste passaria a ser prioridade nacional. A primeira gestão da Sudene, desbaratada pelo golpe militar de 1964, enfrentou muitas resistências, como a das elites temerosas da perda de privilégios, mas trouxe avanços consideráveis no plano econômico.

Cinquenta anos se passaram. O Nordeste modernizou-se, sua renda cresceu com taxa superior à das regiões mais ricas do país, mas o perverso atraso social persiste. Refletir sobre o que se formou — ou se deformou — nesse meio século foi o que conduziu o Centro Internacional Celso Furtado de Políticas para o Desenvolvimento a organizar, em 2008, um ciclo de palestras sobre o pensamento de seu patrono e a questão regional. Não para falar do passado, mas, a partir dele, pensar o futuro. No Recife, com a colaboração da Fundação Joaquim Nabuco, em João Pessoa, com o apoio da Universidade Federal da Paraíba e da Secretaria de Planejamento, e em Fortaleza, em parceria com o Banco do Nordeste do Brasil, professores e especialistas revisitaram o desenvolvimento como caminho para a superação da desigualdade regional.

Além dos coautores deste livro, o Centro Celso Furtado agradece aos demais palestrantes: no Recife, Fernando Lyra, Agos-

tinho Odísio Neto, João Sicsú; em João Pessoa, Ricardo Bielschowsky, Rômulo Polari, Juarez Farias, José Maria de Aragão Melo; em Fortaleza, Roberto Smith, Lula Moraes, Inácio Arruda, José Sydrião de Alencar Júnior. E a Naná Garcez.

Rosa Freire d'Aguiar Furtado